VI Semana de História do Pontal
Sociedade, Cultura, Patrimônio
25 A 28 DE SETEMBRO DE 2018
V Encontro de Ensino de História
ISSN 2179-5665

Sociabilidades Queer, Identidades e Conflitos

Cássio Henrique Naves Mota
Estudante Pós-Graduação em Arquitetura FAUeD/UFU

Luiz Carlos de Laurentiz
Professor do Programa Pós-Graduação em FAUeD/UFU

01- A crise de identidades no mundo contemporâneo

No prospecto atual em que vivemos, em uma sociedade ocidental globalizada, é comum se deparar com múltiplas identidades, ora em conflito ou crise. Os indivíduos já não se limitam por termos rígidos: A identidade de uma pessoa negra por exemplo, já não ocupa somente uma posição no binarismo entre brancos/negros. Em outro exemplo, é entendido na atualidade também que ser mulher já não se define pelo aparato reprodutor e sexual que a pessoa em questão possui.

Da troca de culturas que ocorreu (de forma violenta e forçada) com a colonização dos europeus para demais territórios após o século XV até a popularização da rede de internet, múltiplos são os fatores e condicionantes que desencadearam para que os processos identitários na atualidade não sejam estanques ou sólidos: na sociedade contemporânea os indivíduos revogam e negociam seu pertencimento em determinadas comunidades ou guetos e assim, podem afirmar, reafirmar ou negar suas próprias identidades (BAUMAN, 2004, p.17).

O teórico cultural Stuart Hall afirma que essas mudanças estruturais na sociedade estão fragmentando as paisagens culturais de gênero e sexualidade antes concretas e também cambiando o próprio reconhecimento de "si próprio" de uma forma estável, produzindo o que ele chama de "descentração do sujeito" (HALL, 2006, p.09).

Esse câmbio de identidades afeta diretamente como é possível enxergar comportamentos sexuais e de gênero performados por pessoas de diferentes planos de fundo ao redor de todo o mundo. No passo em que mais identidades são em parte reconhecidas para a

ISSN 2179-5665

sociedade, com a garantia de direitos para pessoas LGBT (Lésbicas, Gays Bissexuais e Transexuais) por exemplo, também são mais discutidas e negadas por pessoas que ignoram a legitimidade das mesmas. Para entender então como esse conglomerado de pessoas atribuídas à sigla LGBT é preciso que se faça uma análise sobre como o modelo de sexo e gênero foi construído através dos tempos até a atualidade, segundo autores como Thomas Laqueur e Michel Foucault.

02- Conflitos entre poder, identidade, sexo e gênero

Antes do Século XVIII, para Laqueur (2001, p.09), ser homem ou mulher significava "manter um papel social na sociedade", em um grau hierarquizado onde o homem estaria no topo. As próprias identificações biológicas consideravam os corpos masculinos e femininos como um só:

> Nesse mundo, a vagina é vista como um pênis interno, os lábios como o prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como os testículos. O letrado Galeno citava as dissecações de Herófilo, o anatomista de Alexandria do século III a.C., para respaldar sua afirmação de que a mulher tem testículos com canais seminais muito semelhantes aos do homem, um de cada lado do útero, com a diferença que os do homem-são contidos no escroto e os da mulher não.(LAQUEUR, 2001, p. 16)

Dessa forma o corpo da mulher tinha como diferença ter seus órgãos reprodutores "para dentro", enquanto os do homem seriam "para fora". O que diferenciava substancialmente as identidades do homem e da mulher seriam então a forma como se comportavam na sociedade, sua função no matrimônio, capacidade de gestação, enquadrando o gênero como categorias sociológicas e culturais, enquanto a denominação de sexo (aparelho reprodutor e sexual) é a mesma para todas as pessoas. Laqueur denomina esse raciocínio como o "modelo de sexo único" (LAQUEUR, 2001, p. 19).

É importante reiterar que na perspectiva de sexo e gênero o discurso de um "único sexo" representa uma interpretação biológica e sua legitimação através de conceitos científicos da época e de forma alguma representam uma sociedade sem disparidades em política e sociedade. A dominação ocidental se dava pela Igreja Católica e sua santa inquisição, onde a moral cristã era a norma e lei: mesmo sob a mesma denominação científica, o corpo da mulher tinha funções reprodutoras e de cuidado, devendo se manter virginal e fora do pecado, diferente do corpo do

ISSN 2179-5665

homem, que representava o poder patriarcal de provedor e chefia no lar e em consonância, na política no geral. Os corpos nas margens da lei divina eram eliminados ou castigados segundo a vontade de deus e da igreja.

A partir do século XVIII, o discurso sobre sexualidade mudou drasticamente, considerando os corpos de homens e mulheres e sua concepção de alma e comportamento como totalmente diferentes, inclusive com a diferença na denominação dos órgãos sexuais. Laqueur denomina a mudança como um "modelo de dois sexos". Esses princípios foram gerados concomitante à "marcha ao progresso" iluminista, onde a ciência tinha a coação de explanar o mundo de forma objetiva (LAQUEUR, 2001, p.22).

Em seu livro *Inventando O Sexo* (2001, p.22), Laqueur explica também que a ciência do Iluminismo foi utilizada como meio de justificar a diferença entre os sexos, embora descobertas científicas do século XIX, tempo análogo desse discurso, evidenciaram por exemplo que o órgãos sexuais ditos masculinos e femininos tinham origens comuns no desenvolvimento do feto, fato que daria suporte ao que era considerado "modelo de um sexo" antes do Iluminismo. A desconsideração de tais descobertas para as discussões de sexo e gênero reafirmam que o discurso então regente de "dois sexos" distintos e com características ditas opostas foi politicamente e culturalmente construído.

> As novas formas de interpretar o corpo não foram consequência de um maior conhecimento científico específico; resultaram de dois grandes desenvolvimentos distintos analíticos, mas não históricos: um epistemológico, o outro político. [...] O sexo do Iluminismo - como fundamento biológico do que é ser masculino e feminino - foi tornado possível por essa mudança epistêmica. (LAQUEUR, 2001, p. 22)

O sujeito iluminista, segundo Hall (2006, p.10) é o primeiro estágio do sujeito moderno e se configura como um ser "unificado, centrado, dotado das capacidades de razão, consciência e ação", cartesiano, com atributos individualistas e comumente descrito no masculino. O individualismo a ele atribuído se deve a questões como a transição do poder divino para o próprio poder do homem, já que o pensamento cartesiano insere o próprio homem como centro do universo, rompendo com a lógica do passado pré-iluminista onde a razão absoluta era a divina. O sujeito então é "indivisível", "individual" e racional, portanto não abre espaços para mais de uma identidade fixa e cientificamente comprovada (HALL, 2006, p.11).

ISSN 2179-5665

> O signo carrega sempre não apenas o traço daquilo que ele substitui, mas também o traço daquilo que ele não é, ou seja, precisamente da diferença. Isso significa que nenhum signo pode ser simplesmente reduzido a si mesmo, ou seja, à identidade. Se quisermos retomar o exemplo da identidade e da diferença cultural, a declaração de identidade "sou brasileiro", ou seja, a identidade brasileira, carrega, contém em si mesma, o traço do outro, da diferença - "não sou italiano", "não sou chinês" etc. A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença). (SILVA, 2000, p. 79)

O filósofo Michel Foucault em seus estudos sobre soberania, analisa instrumentos políticos utilizados para exercer o poder sobre os indivíduos, tratando o corpo do ser humano como uma máquina e adestrando para usar de instrumento útil em interesses econômicos, o que é chamado de “poder disciplinar” e é exemplificado nas institucionalizações de escolas, quarteis, hospitais e demais espaços que moldam o ser humano para se tornarem “corpos dóceis”. No mesmo tempo, popularizam-se estratégias para higienização das cidades, dos corpos, controle de natalidade, discursos de sexo e gênero normatizadores e demais ferramentas de poder para controle da vida humana em nível coletivo, o que Foucault denomina como “biopoder” (DINIZ; OLIVEIRA, 2015, p. 154).

O “biopoder” e o “poder disciplinar” surgem, segundo o próprio após a monarquia, e vem do Estado para o corpo humano, “estatizando o biológico”. É através do *biopoder* então que acontecem as formas de controle político e normatização sobre o corpo das pessoas, como aqui exemplificado (FOUCAULT, 1999, p. 286). Para Hall, depois dos estudos darwinistas, quando a razão adquire base na própria natureza, ocorre a “biologização” do ser humano, sendo isso um dos eventos importantes para o surgimento da segunda fase do sujeito moderno (HALL, 2006, p.30). É necessário afirmar que as tentativas de fixação de identidade com base na natureza são também de contexto cultural. Interpretações biológicas então, são *interpretações* antes de ser *biológicas*, e provêm de uma matriz imposta baseada em identidades específicas e seu sistema de diferenças (SILVA, 2000, p. 86).

Com a massificação dos trabalhadores e desenvolvimento do sistema capitalista, manifestou-se uma concepção mais “social” do sujeito, sendo ele cada vez mais visualizado por trás das grandes estruturas que sustentam sociedade moderna. O outro evento responsável pelo surgimento do “sujeito social” foi o advir das novas ciências sociais, que institucionalizaram o

ISSN 2179-5665

binarismo do pensamento cartesiano e permanência do "indivíduo soberano" como protagonista da lei e economia modernas. (HALL, 2006, p. 30).

No meio dessa alienação e controle político, a base científica do modelo de "dois sexos", e num prospecto geral, a lógica cartesiana binária é reafirmada, enquanto o sujeito passa por um estado de latência até ocorrer as rupturas do mundo moderno como ele é e surgirem novas perspectivas sobre a identidade. O Estado então, cria as normas para corpos específicos a seguirem e divide a sociedade entre certo/errado, norte/sul, homem/mulher, sagrado/profano, heterossexual/homossexual, notando-se então uma polaridade (bom/ruim) diretamente relacionada à representação de poder vigente. Em sua análise do filósofo Jacques Derrida, Silva (2000, p. 83) aponta como as oposições binárias são as formas mais importantes de classificação na sociedade, expressando não apenas uma divisão, mas também uma hierarquia sobre o que é dividido. Afirma então, a partir disso, a importância de problematizar os binarismos para questionar a identidade e diferença que a eles estão envoltas.

O discurso de "biologização" do ser humano, o biopoder e o poder disciplinar atuam sob fortes punhos na negação desses corpos, visto que o sujeito moderno enxerga tanto os que são cunhados tecnicamente como homossexuais quanto os transgêneros como corpos doentes a serem tratados e também criminosos a serem apreendidos pelas estruturas institucionais. É o surgimento de terapias de conversão e marginalização de grupos inteiros.

O primeiro caso de cirurgia de redesignação sexual no Brasil é um grande exemplo de como o Estado mantém o controle dos corpos. No período de ditadura militar brasileira, em 1971, o médico Roberto Farina performou a cirurgia em Waldirene Nogueira e foi sentenciado à prisão por lesão corporal gravíssima, enquanto os órgãos sexuais de Waldirene foram considerados "bem físico tutelados pelo Estado", inalienável e irrenunciável" e a própria foi considerada como doente mental. O juiz que indiciou Farina recomenda inclusive "tratamento psicanalítico de longa duração como tentativa de cura" em sua sentença. Termos como "bichinha", "eunuco" e monstro são utilizados para referir à Waldirene pelo Ministério público na sentença (ROSSI, 2018).

ISSN 2179-5665

03-O sujeito deslocado e as identidades dissidentes

A polarização das identidades e a patologização dos corpos dissidentes ao que a norma rege são impostas sem grandes discussões até ocorrerem mudanças que façam os sujeitos se deslocarem do discurso moderno. Freud e a descoberta do inconsciente também auxiliaram para descentrar o sujeito moderno, afirmando que nossos comportamentos, sexualidade e demais relações sociais, em suma nossa identidade, são diretamente moldadas por processos psíquicos, quebrando então a lógica cartesiana da razão pura e biologicamente comprovada. Por uma leitura lacaniana de Freud, a identidade única e indivisível que é presente no moderno é ensinada gradualmente para as pessoas desde quando crianças.

> (...) a identidade realmente é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada".
> As partes "femininas" do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. (HALL, 2006, p. 38)

A linguagem, para Hall (2006, p.40), é o terceiro fator de importância no deslocamento do sujeito, pois ela representa um sistema social e não individual, (de)limitando e (re)definindo identidades. Em quarto fator, o desenvolvimento do “poder disciplinar” e do “biopoder” de Foucault também contribuíram para que esse sujeito moderno se desviasse de seu lugar. A imposição do Estado para seus cidadãos fez com que houvesse uma revisão do que era aceito na sociedade.

Essa revisão foi diretamente articulada pelos “novos movimentos sociais” dos anos 1960, e o quinto fator que para Hall influenciou no descentramento do sujeito foi o impacto do feminismo como teoria e novo movimento social. Nesse momento histórico, esses movimentos se opunham à política liberal e capitalista ocidental e stalinista oriental, afirmando as dimensões “subjetivas” além das objetivas da política, abraçando o “teatro” da revolução em uma base cultural forte para uma desfragmentação da classe política massificada para a criação de políticas para pessoas específicas: no caso do feminismo, para as mulheres. É o que Hall (2006, p.45) denomina como “Política de Identidade”.

ISSN 2179-5665

O feminismo então tem grande poder na propagação de discursos inclusivos, em gênero e também em sexo e sexualidade, questionando os binarismos de público/privado, dentro/fora, abrindo as discussões sobre divisão de trabalho e papel na sociedade, e a produção imposta de sujeitos generificados.

> Ao chamar a atenção para o caráter cultural e construído do gênero e da sexualidade, a teoria feminista e a teoria queer contribuem, de forma decisiva, para o questionamento das oposições binárias - masculino/feminino, heterossexual - homossexual nas quais se baseia o processo de fixação das identidades de gênero e das identidades sexuais. A possibilidade de "cruzar fronteiras" e de "estar na fronteira", de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma denominação do caráter "artificialmente" imposto das identidades fixas. O "cruzamento de fronteiras" e o cultivo propositado de identidades ambíguas é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade. A evidente artificialidade da identidade das pessoas travestidas e das que se apresentam como drag-queens, por exemplo, denuncia a menos evidente artificialidade de todas as identidades. (SILVA, 2000, p. 89)

Os contatos sociais entre pessoas que saem do padrão hetero-cisgênero foram registrados principalmente a partir do século XX, concomitante às lutas feministas. O marco zero para a luta para direitos civis “LGBT” foi a Rebelião de Stonewall, ocorrida em 1969 em Nova York, onde uma operação policial resultou em um confronto entre policiais e civis de sexualidade e gênero dissidentes como protesto por abusos de poder e discriminação, dando origem ao Dia Internacional do Orgulho LGBT e a várias Paradas de Orgulho ao redor do mundo. Ainda assim, existe atualmente uma dificuldade de enxergar o que é chamado de “comunidade LGBT” como também uma identidade única e indivisível, características muito mais relacionadas ao sujeito moderno iluminista do que o pós-moderno e contemporâneo, híbrido, subjetivo e com identidades em conflito.

04 - Dificuldades na delimitação de uma “comunidade LGBT”.

Bauman (2004) define que a questão da identidade surge com a exposição dos indivíduos a comunidades fundidas por ideias ou princípios compartilhados, e da presença de

ISSN 2179-5665

múltiplas comunidades que são unidas por muitos ideais e princípios, criando aí essa relação de diferença. Porém, segundo o autor, na contemporaneidade líquida, o sujeito está sempre exposto a mais de uma comunidade, e assim se identifica com alguns pontos de uma comunidade e outros de outra, mantendo uma identidade fluida e deslocada.

> Estar total ou parcialmente "deslocado" em toda parte, não estar totalmente em lugar algum, (ou seja, sem restrições ou embargos, sem que alguns aspectos da pessoa "se sobressaiam" e sejam vistos por outras pessoas como estranhos) pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. (BAUMAN, 2004, p. 19)

A atribuição *comunidade*, segundo o estudo do sociólogo Ferdinand Tönnies, retoma a ideia gregária de união pela *vontade natural* em um estado mais bruto, criando assim relações primárias entre os indivíduos, estabelecendo métodos de controle social além de reconhecimento e noção de pertencimento dos atores dentro da própria comunidade, enquanto o termo *sociedade* partiria de um princípio mais arbitrário, motivada por finalidades exteriores às relações sociais, sendo então motivações *artificiais* do ser humano e caracterizados por uma *vontade racional* que não dependeriam de relações de familiaridade entre os indivíduos e sentido de pertencimento (TÖNNIES, 2001, p.97).

Analisando então os dois termos, *sociedade* e *comunidade* descritos por Tönnies, é possível perceber que ao se tratar de pessoas ditas LGBT e sua multiplicidade de indivíduos, podem se agrupar comunidades (baseadas nas militâncias ou afabilidades) e também estão inclusos esses indivíduos em sociedades complexas, muitas vezes não pautadas em relações de gênero e sexualidade. A escolha de um dos termos então para agrupar estes atores circundaria números limitados de relações entre as pessoas que se reconhecem dentro do que é descrito como uma "comunidade LGBT" ou "sociedade LGBT" (seja sob um cunho político ou social) e excluiria assim outras inúmeras afetividades heterogêneas e difusas de pessoas fora dos padrões de sexualidade e/ou gênero que se reconhecem ou não dentro de sociedades e comunidades específicas.

Tratando-se de corpos plurais, a delimitação "comunidade LGBT" infere então a um determinado grupo de pessoas que realizam determinadas atividades em gênero e sexo. A

ISSN 2179-5665

própria utilização do termo LGBT é um desdobramento na luta para o reconhecimento de outras identidades. Antes havia a defesa legitimada dos direitos dos gays, que se transformou até formar a sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), depois GLB (Gays, Lésbicas e Bissexuais), até a utilização do "LGBT".

Com a emergência de novas denominações para performances em sexualidade e gênero e a tradição e necessidade inerentes ao ser humano de nomear e definir as coisas da sua realidade, é de se esperar que hajam cada vez mais conflitos a travar e letras a acrescentar na sigla LGBT, fazendo com que seja importante a busca de uma nova forma de definição para pessoas que fogem da norma para que os estudos sexuais de gênero sejam mais inclusivos.

Foucault, em seus ensaios sobre a sexualidade, considera que a mesma é histórica, cultural e socialmente construída, inclusive as categorias como "masculino" e "feminino", por meio das relações de poder. Essas diferenciações então são mecanismos do próprio biopoder para regulamentar a sociedade, desconsiderando a heterogeneidade humana (LAQUEUR, 2001, p.25).

Os estudos *queer*, segundo Miskolci (2007, p.02) surgem na convergência dos estudos culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, relacionando então o que Hall e Foucault decifram sobre as concepções clássicas do sujeito, identidades e a norma a elas impostas e criando um discurso sobre sexo, gênero e demais performatividades sexuais. O termo *queer*, em inglês significa "estranho", "esquisito", e também era um dos termos utilizados para diminuir a imagem de quem fugia do padrão heterossexual e cisgênero.

Em uma tomada de poder pelo uso da palavra que tem um histórico de utilização para ridicularizar, os estudos *queer* se apoderam do termo para identificar corpos e ações que estão fora do padrão. Tem como base fundamental a crítica ao modelo sexual binário, seja ele biológico, cultural ou social. Busca o fim da classificação em identidades sexuais, combate a heteronormatividade e a desnaturalização do sexo (SOUZA; CARRIERI, 2009, p.62). Para os estudos *queer*, a sexualidade e o gênero são performances realizadas por corpos diversos adaptados a diferentes situações, e essas ações são fluidas e transitórias. Dessa forma, os corpos queer são aqueles que divergem da norma culturalmente e politicamente forjada em que as pessoas cisgênero e heterossexuais são naturalizadas.

ISSN 2179-5665

Porém, mesmo através de uma concepção mais geral, como "pessoas *queer"*, há aquelas identidades de conflito explicitadas por Hall, como seria o caso por exemplo, de sujeitos híbridos como homens que se consideram heterossexuais e em determinadas temporalidades desviam para as margens anônimas em busca de outras perspectivas sexuais. Questões como essa reafirmam o descentramento do sujeito contemporâneo identificados por Hall, Bauman e demais teóricos culturais. As pessoas na globalização não estão totalmente inseridas em uma única comunidade ou contexto, e tem a possibilidade de transitar entre comunidades e contextos díspares (BAUMAN, 2004, p. 19). Dessa forma, também é preciso que se reconheça termos que incluam pessoas de diferentes grupos que participam de performances consideradas *queer* na sociedade.

Ao trabalhar os conceitos de *vontade natural/vontade racional,* Tönnies (2001, p. 97) estabelece que as próprias vontades humanas mantêm múltiplas relações, sendo que cada relação é uma ação recíproca exercida por um lado e recebida por outro, seja de forma negativa ou positiva e assim preservando ou destruindo a vontade e/ou o ser oposto. Essas relações podem ser identificadas como *sociabilidades* e essas manifestações, por serem em sua essência o contato entre dois ou mais indivíduos, estão inerentemente presentes tanto na *comunidade* quanto na *sociedade* (TÖNNIES, 2001, p. 123).

O termo *sociabilidades* infere não a atores dentro de comunidades ou sociedades específicas, mas sim nas relações que esses atores mantêm, independentemente de onde estão circunscritos. Ao abordar o estudo por meio das sociabilidades, além de compreender as suas múltiplas formas de manifestação é dado um posicionamento de que as pessoas não são definidas por suas ações. A utilização de um termo como "sociabilidades *queer"* então, talvez seja uma possibilidade para compreender mais ações e performances dissidentes da norma e que também sejam realizadas (mas não limitadas) por corpos *queer*.

É importante também, compreender que a realidade que vivemos é marcada por conflitos identitários heterogêneos de um grau de complexidade tamanho que faz com que os estudos culturais, de gênero ou sexualidade sejam sempre cheios de perspectivas divergentes. É preciso então ter a capacidade de análise do discurso e compreender que é de característica

ISSN 2179-5665

da contemporaneidade e da globalização, ser fragmentada, ao mesmo tempo com muitos limites e fronteiras e também culturas hibridas que estão se cruzando e se misturando a todo momento.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt; VECCHI, Benedetto. **Identidade:** Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

DINIZ, Francisco Rômulo Alves; OLIVEIRA, Almeida Alves de. Foucault: do Poder Disciplinar ao Biopoder. In: **Revista Scientia**. Vol. 2, nº 3, p. 01-217, Nov. 2013/ Jun. 2014. Disponível em: <http://www.faculdade.flucianofeijao.com.br/site_novo/scientia/servico/pdfs/VOL2_N3/FRANCISCOROMULOALVESDINIZ.pdf> Acesso em: 20 jul. 2018.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Uma nova pauta política: Notas sobre as travessias da população trans na história. **CULT**, São Paulo, n. 235, ano 21, p.32-35, jun. 2018.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

MATOS, Thiago C. **A dinâmica espacial gay na região da Avenida Paulista: o caso da Rua Frei Caneca.** 2015. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MISKOLCI, R. **A teoria queer e a questão das diferenças:** por uma analítica da normalização. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. Anais… Campinas: Unicamp, 2007.

ROSSI, Amanda**. 'Monstro, prostituta, bichinha'**: como a Justiça condenou a 1ª cirurgia de mudança de sexo do Brasil e sentenciou médico à prisão. 2018. Matéria da BBC Brasil em São

ISSN 2179-5665

Paulo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43561187>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, Eloisio Moulin de; CARRIERI, Alexandre de Pádu**a.** A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie** (Online), São Paulo, v. 11, n. 3, p. 46-70, junho de 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712010000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 jul. 2018.

TÖNNIES, Ferdinand. **Community and Society.** Cambridge, Cambridge University Press, 2001.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso:** A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**.** Rio de Janeiro: Record, 2000. 586 p.